



Do blog ao papel: Rodrigo de Souza Leão e a atualidade

Louise Bastos Corrêa*

“O que é a solidão? É viver sem obsessões. Mas na vida às vezes a gente tem que escolher entre esmurrar a ponta de uma faca ou se deixar queimar no fogo”.

Rodrigo de Souza Leão

Em tempos acelerados como o nosso, em que a cada segundo acontece algo considerado extremamente importante, em que temos acesso às notícias na mesma velocidade em que elas ocorrem, qual seria o lugar da literatura? Ou melhor, como se daria o processo da escrita que se torna literatura?

O presente ensaio tem por objetivo analisar a elaboração do livro *Todos os cachorros são azuis*, de Rodrigo de Souza Leão (2008), que aponta para alguns componentes da vida do autor – como sua esquizofrenia –, assim como para elementos da atualidade, tal qual, por exemplo, um chip, que será uma peça extremamente importante em toda a narrativa. Buscaremos também as motivações para o uso da escrita nos dias atuais, mostrando que os tempos podem até mudar, mas a escrita sempre prevalecerá. Assim, investigaremos como o autor conseguiu criar mecanismos para que pudesse sobreviver pela sua obra.

* Doutoranda em Literatura Brasileira na Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ).

Vivemos em uma época em que muitos autores começam escrevendo em sites para que, em seguida, às vezes num curto espaço de tempo, tenham seus textos publicados em livro. Em *Ficção brasileira contemporânea*, Karl Erik Schøllhammer afirma:

O contemporâneo é aquele que, graças a uma diferença, uma defasagem ou um anacronismo, é capaz de captar seu tempo e enxergá-lo. Por não se identificar, por sentir-se em desconexão com o presente, cria um ângulo do qual é possível expressá-lo. Assim, a literatura contemporânea não será necessariamente aquela que representa a atualidade, a não ser por uma inadequação, uma estranheza histórica que a faz perceber as zonas marginais e obscuras do presente, que se afastam de sua lógica. É ser capaz de se orientar no escuro e, a partir daí, ter coragem de reconhecer e de se comprometer com um presente com o qual não é possível coincidir (2010, 10).

Muitos escritores contemporâneos parecem motivados por uma grande urgência em se relacionar com a realidade histórica, mesmo estando conscientes da impossibilidade de captá-la em seu presente. Muitas são as formas de informação e novidades de que tanto o criador quanto o espectador têm de dar conta. Sempre há a sensação de que algo foi perdido, algo ficou de fora. As novas tecnologias oferecem caminhos inéditos para esses esforços, particularmente com os blogs, que facilitam a divulgação dos textos, driblando os mecanismos do mercado tradicional do livro.

Registra-se, além disso, um fenômeno que, em intenso diálogo com as novas formas de realismo, coloca o contato com

a atualidade como foco principal. Trata-se de uma literatura que, sem abrir mão da inspiração comercial, procura refletir aspectos inumanos e marginalizados, passando a ser valorizada uma escrita voltada para o “eu”, mesmo que esse sujeito esteja muitas vezes em crise ou fragmentado. O autor novamente desfruta de um espaço muito importante na cena do livro, sendo conhecido, em alguns casos, antes mesmo de sua obra.

Segundo Diana Irene Klinger (2007), existe uma pergunta fundamental acerca da escrita de si: qual seria o sentido dado ao retorno de uma escrita do eu? Essa primeira pessoa que irá construir a narrativa – no caso de nosso ensaio, o Rodrigo de Souza Leão – seria uma máscara produzida pelo teatro irônico da cultura midiática ou ela implicaria outra visão da obra? Pois já não estaríamos falando de uma figura sacrossanta do autor, e sim de alguém que escreve como mecanismo de sobrevivência. E, no caso dessa obra, mesclam-se autor, narrador e personagem, confundindo muitas vezes o próprio leitor.

Um pouco de Rodrigo e sua existência...

Rodrigo de Souza Leão nasceu no Rio de Janeiro, em 4 de novembro de 1965. Formou-se em jornalismo, foi músico e escreveu vários livros. Também publicou dez e-books de poesia. Seus poemas foram veiculados por revistas importantes: *Coyote*, *Et Cetera*, *Poesia Sempre*. Seu livro *Todos os cachorros são azuis* ficou entre os cinquenta finalistas na edição de 2009 do prêmio Portugal Telecom. Artigos e resenhas de sua autoria apareceram em *O Globo* e *Jornal do Brasil*.

O autor teve uma vida considerada “normal” até a juventude, quando se manifestaram os primeiros sintomas de esquizofrenia.

Recluso em razão da doença, encontrou na internet um veículo poderoso. Colaborou em diversas revistas eletrônicas, além de possuir um blog, mantido até as vésperas da sua morte, por parada cardíaca, em 2 de julho de 2009.

Rodrigo de Souza Leão não tinha medo de enfrentar (com urgência e coragem) seus demônios. Pelo contrário, transformava-os em aliados. Revelava sua condição para, em seguida, negá-la. Compreendia que, ao apropriar-se dos estigmas que rondavam sua existência, podia lidar com seus limites e, ainda, com o preconceito dos ignorantes.

Em *Lowcura*, seu blog, misturava o caráter ficcional de sua prosa e poesia com sua vida pessoal. O espaço servia para publicação de seus poemas, trechos de seus livros e resenhas sobre músicas que ouvia e livros que lia. Após sua morte, foi lançado o livro póstumo *Me roubaram uns dias contados* (2010) e houve o relançamento de *Todos os cachorros são azuis*; em 2011, *O esquizoide: coração na boca*; e, em 2012, *Carbono pautado: memórias de um auxiliar de escritório*.

Segundo Michel Foucault, no livro *A ordem do discurso* (2002), ao longo da história o louco nunca teve sua fala considerada, embora seus desvarios sejam reconhecidos mediante seus discursos. Ou seja, o espaço literário passou a ser legitimado como uma das formas de se expressar ou de falar sobre aquilo que tanto incomoda a sociedade: os excluídos, como os loucos.

Desde as primeiras manifestações da esquizofrenia, Rodrigo de Souza Leão passou por três interações. Ao tomar conhecimento de que a autora Gloria Perez teria um personagem esquizofrênico em *Caminho das Índias*, o autor ficou muito impressionado com a novela e resolveu enviar à autora um exemplar de *Todos os cachorros são azuis*. Inclusive, após assistir à cena em que o personagem Tarso surta e

tenta matar o namorado da irmã, Rodrigo de Souza Leão passou a temer cometer o mesmo ato contra seu irmão, com quem dividia o quarto. Assustado, pediu para ser internado. Foi sua última internação, já que veio a falecer por parada cardíaca uma semana depois.

Diante da vertigem entre ficção e realidade na história do escritor, a inserção de elementos autobiográficos no *corpus* textual/ficcional suscita questionamentos, inicialmente pela identidade entre o sujeito Rodrigo e os vários “eus” que vemos serem desdobrados em sua obra. Por meio dos diferentes disfarces narrativos, o autor assume os mais diversos papéis, o que nos leva a dizer que o sujeito uno é destruído.

Através da imagem distorcida de um mundo em crise, *Todos os cachorros são azuis* constrói e espelha outra realidade, articulada segundo uma lógica muito própria, pois sua tessitura dá sentido ao estado patológico do protagonista. Esse modo diferenciado de funcionamento lógico e, por vezes, propositadamente ilógico, trouxe à luz o paradigma de uma dimensão interpretável da loucura. Toda a marca da loucura é potencializada na obra em questão porque a linguagem utilizada se transforma em um universo simbólico sublimado.

A esquizofrenia

Ao produzir um texto visivelmente autobiográfico, o autor traz para seus relatos reflexões acerca da experiência nos hospitais. Na atmosfera existencialista que perpassa certos romances, “escritura” seria, segundo Maria Lucia Dal Farra (1978), um exercício fenomenológico que teria por objeto as relações entre a consciência e a palavra, o “eu” e o ato de escrever. A palavra seria arma para encarar a própria dor e, por consequência, diminuir o sofrimento.

Segundo o *Vocabulário da psicanálise* (1967), o termo esquizofrenia foi cunhado pelo renomado psiquiatra suíço Eugen Bleuler, em 1911, para designar um grupo de psicoses das quais três formas se tornaram clássicas: a hebefrênica, a catatônica e a paranoide.

No Brasil, podemos destacar Nise da Silveira, que, entre os estudiosos da esquizofrenia, lutou pela humanização do tratamento das doenças mentais. A médica ia fortemente contra os tratamentos agressivos da época: a lobotomia, o eletrochoque e a insulino-terapia. Mas o que nos interessa em particular no trabalho dela é ressaltar que a esquizofrenia não anula a criatividade, como podemos observar no autor estudado. A psiquiatra valorizava o poder das artes como mecanismo de “cura”.

O texto de Souza Leão apresenta um discurso que segue o fluxo de consciência ao narrar o dia a dia nessa instituição aterrorizante que é o manicômio. Podemos observar, no livro *Literatura e loucura*, de Monique Plaza, um exemplo do estranhamento que a loucura causa:

A onda lírica esbatia-se em nós à vista de uma realidade dura e chocante. A ênfase deslocava-se da loucura-viagem, da loucura-mensagem, para as complexas misérias do hospital psiquiátrico; mais ainda, centrava-se sobre a incompreensão “dos que estão de fora”, ou seja, também na nossa. Hesitávamos entre duas temáticas contraditórias. A primeira insistia na selvageria da repressão sofrida pelo louco, na arbitrariedade dos critérios da loucura, na loucura do mundo; a segunda afirmativa: a violação dos limites por parte do louco atrai em resposta uma violência de que é preciso realçar a tristeza e admitir o caráter inevitável. Estamos dilacerados entre estas

duas posições, identificando-nos simultaneamente com o louco que se queixa do mundo e com o mundo que se queixa do louco (1986, 12).

De uma maneira um pouco ingênua, é possível acreditar que, com a leitura, somos capazes de resgatar das trevas aquela voz por trás do texto, trazendo-a de volta ao universo protegido da lei e dos direitos do qual o autor do livro foi privado. Primeiro, lemos esse “universo outro” em seu blog; depois, em seu livro. O autor sobrevive através da palavra escrita; se não conseguisse reproduzir parte de seus pensamentos e sensações, seria apenas mais um interno de quem talvez nem tomássemos conhecimento.

A loucura, segundo Monique Plaza, evoca um mundo confuso, os sobressaltos de um pensamento que perde os limites. A entrada no hospício, a nudez imposta na passagem para o mundo isento das ameaças da esfera exterior, retira qualquer possibilidade de afirmar ou legitimar as vozes que emergem de dentro do autor.

Nesse espaço sombrio, a cura só será possível se o doente descobrir artimanhas para fugir da “eternidade” que é a loucura. E, para Rodrigo de Souza Leão, parte da salvação ocorrerá pela escrita, pelo fazer literário. Através da escrita, o autor encontra mecanismos de sobrevivência. Ainda segundo Monique Plaza:

A loucura pode penetrar na escrita sem suscitar a rejeição do leitor, quando é posta à distância, aclimatada. Um autor tem duas possibilidades para produzir um texto sobre a loucura que não seja julgado louco: pode testemunhar a sua própria loucura, dar conta, de forma crítica, das divagações

e dos prazeres que ela lhe trouxe, ou construir uma ficção literária onde a aventura da loucura se instala e se desenrola (1986, 113).

Nesse caso, tanto o blog quanto o papel são locais extremamente seguros para o autor em questão.

Do blog ao papel

Para Rodrigo de Souza Leão, o espaço de “proteção” escolhido foi a internet, local que permite uma liberdade de expressão que muitas vezes não é possível no mundo tido como real. Podemos observar que uma virtude central do texto eletrônico é que, mesmo sendo hiperprivatizado, se escreve e se lê em um espaço público, que seria, de certo modo, a tela do computador, atingindo assim um grande público.

Experenciamos uma época de forte interferência nas produções literárias. Muitas vezes os autores privilegiados pelo mercado editorial não são eleitos por uma comissão, mas escolhidos por fazerem sua própria propaganda nos meios virtuais. Tornam-se divulgadores de suas próprias obras, utilizando-se das redes sociais para abrir um novo mundo de possibilidades.

Porém, isso não acontece sem debates. No artigo “Uma fronteira do texto público: literatura e meios eletrônicos”, Reinaldo Laddaga comenta:

Ver pedaços de texto do tamanho de uma tela de computador nos faz recordar até que ponto nos ensinavam a ignorar os cortes e as voltas da página. Em seu lugar, nos instaram

a imaginar o texto como uma espécie de rio metafísico que flui sobre as curvas deste rio, apesar dos esforços de nossos dedos, nossas mãos, que giram as páginas, na constante agitação visual (2002, 24).

Outra questão importante nas discussões sobre a maneira de se fazer literatura hoje é que, com as novas plataformas de visibilidade de escrita, surgiu um inédito espaço democrático. Assim, foi criado um local para um debate mais imediato em torno de novas propostas de escrita:

O leitor na tela do computador seria um leitor desfilado. E ele viria à existência em um espaço de “desfiliação” geral, onde, quebrado o fragilíssimo equilíbrio que torna possível a literatura, na figura que esboçava no começo deste escrito, o campo da escrita se resolve em uma precipitação de signos crescentemente menos participantes, dirigidos a um sujeito que não saberia como interagir com o que recebe (Laddaga: 2002, 28).

A onipresença da mídia audiovisual rivalizando com a mídia impressa, em especial com o livro, representa um dos aspectos importantes da discussão no contexto dos estudos de literatura.

Segundo Karl Erik Schøllhammer, a atenção em torno da pessoa do escritor cresceu e a figura espetacular do “autor” ganhou mais espaço na mídia, gerando uma crise do sujeito, em reflexo de uma sociedade midiática. Tornou-se algo importante ser autor, e nada incomum ganhar espaço na mídia mesmo antes de publicar o primeiro livro.

O número de escritores que surgiram na década de 1990 é muito maior que os da década de 1970 – e esse número não para de crescer. O que não quer dizer que o fenômeno seja bom ou ruim, e sim algo a ser considerado como fenômeno cultural.

Todos os cachorros podem ser azuis?

A narrativa escolhida para nosso estudo trata da urgência. A urgência de ser/existir em um ambiente de degradação; a urgência de ser-para-si e para-os-outros, e talvez isso justifique o uso da primeira pessoa na obra. Segundo Jean Baudrillard,

por trás desse otimismo tecnológico delirante, por trás desse encantamento messiânico do virtual, sonhamos justamente com o limite crítico e com essa inversão de fase da esfera da informação – na impossibilidade de viver esse acontecimento considerável, essa implosão geral em nível do universo, teremos o gozo experimental em nível de micromodelo. Dada a aceleração do processo, o intercâmbio pode estar bastante próximo. É preciso, portanto, encorajar vivamente essa superfusão da informação e da comunicação (1997, 19).

Em *Todos os cachorros são azuis*, tudo começa com o protagonista engolindo um chip, que será o detonador de uma crise esquizofrênica, culminando numa internação no hospício. O chip no cérebro é um viés de paranoias que a esquizofrenia deflagra. Rodrigo de Souza Leão também acreditou ter um chip no cérebro. O chip é o que provoca a crise, o que gera a mania de perseguição, a sensação de estar sendo controlado por algo superior: “engoli um chip ontem.

Danei-me a falar sobre o sistema que me cerca. Havia um eletrodo em minha testa, não sei se engoli o eletrodo também junto com o chip. Os cavalos estavam galopando. Menos o cavalo-marinho que nadava no aquário” (Leão: 2008, 9).

Apesar de a narrativa começar com o caso do tal chip, a deflagração dos sintomas da esquizofrenia no personagem se inicia bem antes, na adolescência: “Ela diz que tudo começou há uns dez anos, quando eu achei que havia engolido um grilo” (Leão: 2008, 10).

O que encontramos na sequência do caso do chip é uma alternância constante entre passado e presente, entremeados pelo caso da internação do protagonista: longe, portanto, do que se espera de uma autobiografia tradicional. No início da história, o personagem principal não tem nome. E estar diante de uma escrita em primeira pessoa não nos dá garantias de que o ser que narra é, de fato, o personagem central da narrativa.

Em boa parte da leitura de *Todos os cachorros são azuis*, trabalhamos, então, com a questão da semelhança e não da identidade. As informações fornecidas sobre o protagonista vêm aos poucos, por meio de pistas, numa estrutura não linear e cronológica. De início, o chip é que o condena à internação. Já no relato sobre a internação, o protagonista faz uma retrospectiva de sua vida.

Um dos símbolos que o personagem principal usa para o resgate de sua infância é um cachorro azul. O cachorro aparece em várias passagens do livro e, não por coincidência, intitula o livro:

Eu costumava andar com um cachorro azul de pelúcia. Meu cachorro não era gay por ser azul. Só era azul. Também não tinha as noções de feminino e masculino naquela idade, ou

tinha. [...] O bom do cachorro azul é que ele não crescia e não morria. O negócio era cuidar para que ele não envelhecesse. No ano 2000 vou ter 35 anos. Estarei tão velho que mal saberia disso. Eu escovava a pelúcia do bicho. O cachorro azul era minha melhor companhia (Leão: 2008, 11-4).

Seguindo a perspectiva de Diana Irene Klinger, podemos situar Rodrigo de Souza Leão entre os autores que tiveram a exposição confessional reforçada por características marcantes em nosso tempo. De acordo com a autora,

o avanço da cultura midiática de fim de século oferece um cenário privilegiado para a afirmação desta tendência. Nela se produz uma crescente visibilidade do privado, uma espetacularização da intimidade e a exploração da lógica da celebridade, que se manifesta numa ênfase tal do autobiográfico que é possível afirmar que a televisão se tornou um substitutivo secular do confessionário eclesástico e uma versão exibicionista do confessionário psicanalítico (2007, 22).

O protagonista de Rodrigo de Souza Leão deseja a liberdade, a saída do ambiente de degradação e, também, a visibilidade pública. O mundo do manicômio será o mundo do confinamento, da reeducação para o bom funcionamento da sociedade além dos muros, e estes teriam como função separar o mundo de dentro do mundo de fora. E, se é um local de desencanto, em que momento surge o fazer literário? Como podemos observar no trecho abaixo, a escrita será um mecanismo de sobrevivência:

Quando vão me tirar daqui, enfermeira?

A primeira liberdade é sair do cubículo. A segunda liberdade é andar pelo hospício. Liberdade, só fora do hospício. Mas a liberdade mesmo não existe. Estou sempre esbarrando em alguém para ser livre. Se houvesse liberdade o mundo seria uma loucura com todo mundo. Eu podendo sair por aí com Rimbaud e Baudelaire. Viajando pra Angra dos Reis. Rimbaud matou uma onça que circundava o meu corpo outro dia, de noite (Leão: 2008, 20).

Além do desejo de libertação, outro ponto a se destacar no livro é a relação do narrador/protagonista com os amigos imaginários, Baudelaire e Rimbaud. Não sem propósito, são nomes de grandes escritores: Rodrigo tinha muita afinidade literária com eles. Dentro do ambiente do hospício e sem o cachorro azul, os amigos imaginários se configuram válvulas de escape:

Vocês devem estar se perguntando se meu relacionamento com Rimbaud era sexual. Apesar de saber que Rimbaud era apaixonado por mim, eu não dava muita corda, para não ferir o coração do poeta. Afinal, eu só queria amizade de homens. Rimbaud se comportava muito bem e jamais saía do meu lado. Era um amigo fiel, um escudeiro. [...]. Tinha um outro amigo, o Baudelaire, que aparecia só de vez em quando. Mas com ele era outra história. Nem eu pedindo e ligando para ele, nem deixando recado, Baudelaire atendia. Ele tinha um gênio danado. Mau humor. Mas naquela tarde ambos estavam lá, Rimbaud e Baudelaire, conversando sobre poesia e vida moderna. E de repente ela passou por

mim. Veio de branco, toda de branco, perfumada e linda. Branco tipo porcelana (Leão: 2008, 34-5).

A solução para a solidão do protagonista, ao recorrer a esses amigos imaginários, é fácil de entender: com o sentimento de abandono pelo mundo, ele mesmo não poderia se abandonar. Então recorre à própria mente para sobreviver no ambiente inóspito.

O relato da internação no hospício é marcado também por repetições. O protagonista está sempre afirmando que engoliu um chip, que engoliu um grilo. Também descreve alguns doentes do hospital, fixando-se mais intensamente no “Temível Louco”, um doente que se destaca dos demais e através de quem o livro ganha ares de trama policial:

Ouvi um berro lá dentro. Corri para ver e Temível estava emborcado num canto do seu quarto. Quem matara Temível Louco? Foi você. Ele tinha medo de você. Você vai ser crucificado. Temível tivera um ataque cardíaco. Ninguém viu. Mas tinha um louco que repetia que era eu o culpado. Foram infiltrados entre nós detetives A e detetives B para ver quem matou Temível. Eu era inteligente e já tinha sacado que os polícias estavam infiltrados (Leão: 2008, 40).

Podemos ler a inclusão desse assassinato no relato e o fato de o protagonista ser o acusado como apenas uma manifestação de delírios persecutórios, fator relacionado à esquizofrenia de que o próprio autor dizia sofrer:

Eu já defequei em mim mesmo. Já mijei na cama no primeiro dia do hospício para não sair de onde estava. Esta é

uma vida cheia de atos abjetos. Uma vida cheia de medos. Nunca comi merda. Nem sou dado a rituais macabros de existência. Sou um louco light, versão diet. Apesar de o meu problema com o chip ser punk demais (Leão: 2008, 38).

Após a internação, o personagem volta para casa. Já em seu lar, não tem mais a companhia dos amigos imaginários Rimbaud e Baudelaire e, de novo, volta-se para seu cachorro azul. O protagonista abandona os amigos ou, fora do hospício, não eram mais necessários? E se deslumbra com a nova liberdade, tão desejada:

Quando cheguei em casa nunca havia ouvido tamanho silêncio no meu quarto. Havia recebido alta há poucas horas. Dessa vez o nosso carro não foi seguido por ninguém. Não via Rimbaud e Baudelaire há alguns dias. Quando se tem companhias tão fortes assim, e se tem uma vida em comum, sentimos falta dos amigos. Meu cachorro azul estava lá, encardido pelo tempo, contando muitas histórias.

Andava pela casa e me sentia um ser livre. A liberdade estava nas pequenas coisas: ver os e-mails, abrir a geladeira. Agora era preciso ser mais saudável. Abrir as coisas. Fui abrindo a caixa de fósforos. Abri o gás. Abri o fogo. Abri a caixa com incenso. Fui abrindo, abrindo, abrindo como se estivesse abrindo e descobrindo as coisas pela primeira vez. Parecia que tinha ficado um século fora de casa. Estava tudo igual, mas diferente (Leão: 2008, 67).

Sua vida convencional, porém, dura pouco. Durante um sonho, ele recebe uma iluminação que o faz criar uma nova seita, o *Todog*, em

que os participantes têm uma forma especial de se comunicar, como um código ou uma língua especial. A seita ganha muitos adeptos e ele termina sendo perseguido para acabar com a seita. É preso e, quando finalmente consegue a liberdade, é assassinado por um membro da seita.

É necessário destacar que a liberdade perseguida pelo personagem é sempre impedida por algo externo. Os outros perseguem sua liberdade e ela parece inalcançável, como já citado. Típico de sua doença. E aí nos vem a indagação sobre o depois. O autor, então, nos responde na única passagem de todo o texto que contém o nome de Rodrigo:

Princilimpipotus todog todog todog e grilos e eletrodos e casa devastada e cachorro azul e bolo de laranja e policiais B e Lembra-vovó e eu vou pra Paracambi se eu não comer, vou pro caju e Procurador brilhantina e Xuma e agora o agora. Dia D. Hora H. A bomba e seu cogumelo de endorfinas explode em meu corpo baionetado e com a química dos anjos. A ogiva. E depois, Rodrigo? O que fez do depois? Aqui onde as nuvens se encontram, levo sempre um choque maior do que os que levei no hospício (Leão: 2008, 77).

Dentro de nossa análise, podemos ler a impaciência de Rodrigo em narrar. Na verdade, sua vida transbordava do papel. Para ele, era preciso narrar e, para isso, se valeu da escrita autobiográfica, porque havia pressa em manifestar a individualidade. Se o senso comum considera todos os loucos iguais, para eles se faz necessário o reforço da individualidade.

A doença do autor é classificada como um desdobrar de si mesmo, e essa leitura pode ser feita em *Todos os cachorros são azuis*: o personagem principal desdobra-se, divide-se entre os amigos ima-

ginários e a própria narrativa; intercala tempos e fatos ficcionais à vida pessoal de Rodrigo de Souza Leão.

Considerações (quase) finais

O escritor usa a escrita de si para levar a *Todos os cachorros são azuis* um pouco da sua experiência com internações psiquiátricas. O que vemos no livro é um misto de experiência autobiográfica e autoficcionalização, resultando numa narrativa híbrida, muito comum na literatura contemporânea. Sua escrita é uma forma de vencer as dificuldades da esquizofrenia, que adentra seu fazer literário, imprimindo à sua entrecortada narrativa um quê alucinatório. Lê-lo é experimentar um pouco da esquizofrenia.

Segundo Erving Goffman, em *Estigma: notas sobre a manipulação da identidade deteriorada*, o indivíduo estigmatizado pode descobrir que se sente inseguro em relação à maneira como os ditos normais o identificarão e o receberão. Esse é um dos grandes problemas que o louco sofre ao longo de sua trajetória, a não ser que consiga escapar:

Nos muitos casos em que a estigmatização do indivíduo está associada com sua admissão a uma instituição de custódia, como uma prisão, um sanatório ou um orfanato, a maior parte do que ele aprende sobre seu estigma ser-lhe-á transmitida durante o prolongado contato íntimo com aqueles que irão transformar-se em seus companheiros de infortúnio (1988, 46).

Rodrigo de Souza Leão encontrou na escrita – em um momento em que a internet se mostra muito importante – um meio de

fazer com que suas palavras ultrapassassem os muros altos que as cercavam, fossem os do hospício, fossem aqueles invisíveis criados pela sociedade em relação ao sujeito estigmatizado.

Referências

- BAUDRILLARD, Jean. *Tela total: mitos-ironia do virtual e da imagem*. Tradução de Juremir Machado da Silva. Porto Alegre: Sulina, 1997.
- DAL FARRA, Maria Lucia. *O narrador ensimesmado: o foco narrativo em Vergílio Ferreira*. São Paulo: Ática, 1978.
- FOUCAULT, Michel. *A ordem do discurso*. Tradução de Laura Fraga de Almeida Sampaio. São Paulo: Loyola, 2002.
- GOFFMAN, Erving. *Estigma: notas sobre a manipulação da identidade deteriorada*. Tradução de Márcia Bandeira de Mello Leite Nunes. Rio de Janeiro: LTC, 1988.
- KLINGER, Diana Irene. *Escritas de si, escritas do outro: o retorno do autor e a virada etnográfica*. Rio de Janeiro: 7Letras, 2007.
- KRAPP, Juliana. “Entrevista com Rodrigo de Souza Leão para o JB Online, 2009”. Disponível em: <www.rodrigodesouzaleao.com.br>. Acesso em 30 de março de 2016.
- LADDAGA, Reinaldo. “Uma fronteira do texto público: literatura e meios eletrônicos”. In: OLINTO, Heidrum Krieger & SCHØLLHAMMER, Karl Erik. *Literatura e mídia*. Rio de Janeiro: Puc-Rio; São Paulo: Loyola, 2002, pp. 17-31.
- LAPLANCHE, Jean & PONTALIS, Jean-Bertand. *Vocabulário da psicanálise*. São Paulo: Martins Fontes, 1967.
- LEÃO, Rodrigo de Souza. *Todos os cachorros são azuis*. Rio de Janeiro: 7Letras, 2008.
- _____. *Me roubaram os dias contados*. Rio de Janeiro: Record, 2010.
- _____. *O esquizoide: coração na boca*. Rio de Janeiro: Record, 2011.
- _____. *Carbono pautado: memórias de um auxiliar de escritório*. Rio de Janeiro: Record, 2012.

- PLAZA, Monique. *A escrita e a loucura*. Lisboa: Estampa, 1986.
- SCHØLLHAMMER, Karl Erik. *Ficção brasileira contemporânea*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira. 2010.